A Falange contra Franco

Álvaro Gonzáles Díaz

A Falange contra Franco

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Muitas vezes se identificou a Falange Española (FE) das JONS com a ditadura de Franco, e de modo geral não costumamos estar mal encaminhados. No entanto, a tendência a generalizar nunca é boa.

É certo que a FE das JONS acabou prestando sua ajuda ao golpe militar de 1936 e na imediata Guerra Civil. Também é certo que a FE das JONS, longe de sua ideologia original e carente de chefes efetivos, acabou englobada no Bando Nacional. Será sua determinação para com o Bando Nacional o que finalmente fez que Franco usasse a simbologia falangista e até a estética da FE das JONS durante grande parte da ditadura.

Até agora tudo correto. No entanto, esquecemos que a FE das JONS foi mais uma marionete a serviço de Franco.

As relações entre a FE das JONS e Franco foram tensas e até mesmo cheias de atrito com vários momentos de tensão. Neste aspecto, os falangistas camisas velhas nunca perdoaram o fuzilamento de José Antonio pois pensavam que Franco pôde fazer mais para salvar a vida do fundador da Falange, talvez não interessava que houvesse duas cabeças no poder. A partir daqui, a difusão da morte de Primo de Rivera foi ocultada e se falava dele como o ausente, até que dois anos depois se soube a verdade nas fileiras do Bando Nacional e a figura do fundador da Falange passou a ser a de presente.

Desde este momento e durante grande parte da ditadura as relações entre Falange e Franco foram bastante fracas e cheias de atrito.

A concessão de privilégios e a condição de partido predominante do Bando Nacional não iriam ser gratuitas, pois, na verdade, a FE das JONS pagou um alto preço em sua luta antimarxista. Franco, neste sentido, jogou muito bem suas cartas políticas e em 1937 unificou a FE das JONS, fascistas, revolucionários e republicanos, com os Requetés carlistas, monárquicos, católicos e tradicionalistas. Como se vê a simples vista, estes dois grupos, ainda que lutaram juntos contra um mesmo inimigo, nada tinham em comum nem política nem socialmente.

Pois bem, após o Decreto de Unificação de 1937 com o qual nasce a FET das JONS (Falange Española Tradicionalista de las JONS) e, sobretudo, após a Guerra Civil, a vida política das famílias do Bando Nacional durante o Primeiro Franquismo foi turbulenta, foi uma disputa entre falangistas e carlistas e militares para ver qual grupo impunha sua essência na nova Espanha.

Neste sentido, muitos falangistas se exilaram em países europeus e americanos (Itália, Alemanha, México, Argentina…) e outros ficaram na Espanha. Haveria que distinguir que a oposição ao Franquismo desde a Falange vem dos “hedillistas”, isto é, dos “camisas velhas” (os falangistas afiliados com anterioridade a 1936 e portanto fiéis seguidores da teoria de José Antonio Primo de Rivera). Assim, até 1945, observam-se lutas internas e oposição a Franco.

Durante este período a oposição se concentrou na pessoa de Manuel Hedilla, chefe da FET das JONS, firme seguidor das ideias falangistas. Os falangistas protagonizaram atos contrários a Franco destacando seu caráter revolucionário e fazendo ver ao Regime que não só a esquerda era a oposição à sua forma de

pensar. Embora, isso sim, os atos falangistas não tiveram muita publicidade e com o tempo foram silenciados mediante a prisão ou o exílio.

Passado o tempo, em 1941 a Alemanha invade, junto com a Romênia, a URSS e com isso se decreta e se divulga a guerra anticomunista. Este fato causou muito entusiasmo entre os germanófilos como Ramón Serrano Suñer, ministro de Assuntos Exteriores da Espanha, e entre os falangistas. Estes viram a Franco como um covarde por não apoiar a Alemanha diretamente na luta anticomunista. No entanto, a Espanha enviou a Divisão Azul para combater na URSS, em sua maioria composta por falangistas ansiosos por revanche pela Guerra Civil e imbuídos por sua ideologia de marcado anticomunismo.

A Divisão Azul durou apenas dois anos, já que em 1943 foi repatriada devido à pressão que os aliados exerciam sobre a Espanha. Um novo golpe para a Falange.

Enquanto isso ocorria, em 1942 vários falangistas protagonizaram um incidente violento contra os carlistas na Igreja de Begoña. No incidente foram arrojadas várias granadas de mão por parte dos falangistas resultando vários carlistas feridos, entre eles o general Varela que, casualmente, se encontrava na dita igreja. Este incidente foi aproveitado por Franco em detrimento dos falangistas e foi interpretado como um ato terrorista contra o mencionado general. Assim mesmo, o incidente de Begoña provocou a destituição de Ramón

Serrano Suñer como ministro de Exteriores que foi substituído por Jordana, quem aproximou a Espanha aos aliados. Os falangistas responsáveis foram condenados e executados com a pena capital pelo Regime.

Em muitas aparições públicas de Franco os falangistas interpretavam hinos revolucionários e inclusive se insultava ao caudillo, sendo muitos falangistas perseguidos e outros muitos encarcerados.

A partir daqui a FET das JONS se converteu em um acompanhante mais de Franco, sem voz nem voto ainda que sim presente na decoração do Regime com sua simbologia e parte de sua estética. A Espanha, após a II Guerra Mundial ficou isolada internacionalmente por condenação unânime dos países da ONU. O falangismo primitivo ficou silenciado e deslocado em favor do nacionalcatolicismo que se impunha como ideologia predominante do Regime.

O falangismo tendeu para a moderação e após a ditadura a FET das JONS se desmembrou em numerosas facções (Falange Autêntica, FE das JONS, Falange Independente...), segundo o ideário que seguiam.

Bibliografia

BARRIOS, M., *Consigna: Matar a José Antonio. Crónica de una traición,* Nowtilus, Madrid, 2005

BRANTS, M., *La Tercera Falange. De la clandestinidad al acompañamiento coreográfico,* Ediciones Reconquista, Madrid, 2003

CASALS, X., "Las 7 vidas de Falange o la odisea del fascismo español", *Clío Historia,* nº 116, Año 10, España, 2001, pp. 26-37

GIL PECHARROMAN, J., "Sostén de la dictadura", *La aventura de la Historia,* nº 85, Año 8, pp. 36-42

MORALES, G., "Falangistas en la oposición", *XI Universidad de Verano,* Madrid, Septiembre, 2007

MORALES, G., TOGORES, LUIS E., *Falangistas,* la esfera de los libros, Madrid, 2010

PAYNE, STANLEY G., *Falange, Historia del fascismo español,* Sarpe, Madrid, 1986

RODRIGUEZ JIMENEZ, JOSE L., "La evaporación de la extrema derecha. Camada Negra", *La Aventura de la Historia,* nº 85, Año 8

SAGARRA RENEDO, P., GONZALEZ LOPEZ, O., *Falange Española de las JONS,* Susaeta, Madrid, 2016